

AS OBRAS DO QUARTEL DE VOLUNTÁRIOS DE SÃO PAULO, EM 1791

Carlos Lemos

(FAU — USP)

O documento n.º 3308 (caixa 40) guardado no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa que, a seguir, transcrevemos integralmente, é-nos do maior interesse porque informa sobre as técnicas construtivas em São Paulo no final do século XVIII, época em que ocorreram, comprovadamente, profundas alterações no quadro arquitetônico até então incólume desde os tempos bandeiristas devido à estagnação advinda, inclusive, da supressão do governo da capitania que levava os paulistas a sujeitarem-se à administração cediada no Rio de Janeiro. Somente com a restauração da administração local, com a chegada do Morgado de Mateus, é que se inicia uma lenta alteração na qualidade de vida da área paulista, não só devido a orientações acompanhadas de novidades trazidas pelos novos governadores-generais, mas também por causa da ligeira abundância decorrente da produção açucareira desenvolvida a partir de Itu. Realmente, o açúcar foi o responsável pelos primeiros melhoramentos ocorridos em nossa estiolada civilização material. O governador-general Bernardo José de Lorena foi, no entanto, o grande impulsionador de obras novas em São Paulo e, para isso, teve o concurso ímpar de oficiais militares com trânsito na engenharia erudita praticada a partir da reconstrução de Lisboa. O cartógrafo e engenheiro João da Costa Ferreira foi o principal deles. Sobre ele, em 20 de maio de 1790, dizia Lorena a Martinho de Mello e Castro:

(...) “Remeto a V. Ex.^a a Planta Iconográfica com avistados Quartéis dentro de Olho de Passaro e o Peripeito do Lado Principal, tudo delineado p.^{to} Engin.^{ro} João da Costa Ferr.^a q.^o até tem feito o serv.^o de M.^o da Obra, com o mayor Zello, Economia, e Activid.^o, este habil off.^{al} tendo debaixo das suas ordens o Ajud.^o Engin.^o Antonio Roiz Montezinhos estão concluindo o Cam.^o da Serra de Cubatão, obra da mayor Import.^a p.^a o Comercio ep.^a aum.^{to} da R.¹ Faz.^{da} pela mayor frequencia de passages abem do Contracto do Cubatão de Santos. Sobre esta Obra tão necess.^a e com q.^o meyo setem feito falarei quando estiver concluida em Off.^o proprio. João da Costa Ferr.^a tem sido m.^{to} util nesta Capitania, não só ao serv.^o de S. Mag.^o, mas ao Publico. Tem ensinado aeste Povo o modo defazerem os seus Edificios com bom gosto, emenos despeza, ensinando igualm.^{to} os Pintores, tem derigido o modo dese calçarem as Ruas desta Cid.^o e já m.^{tas} dellas estão acabadas, e ficarão excelentes por estas razões hé estimado até do povo”¹.

1. Ver Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. XLV, p. 48.

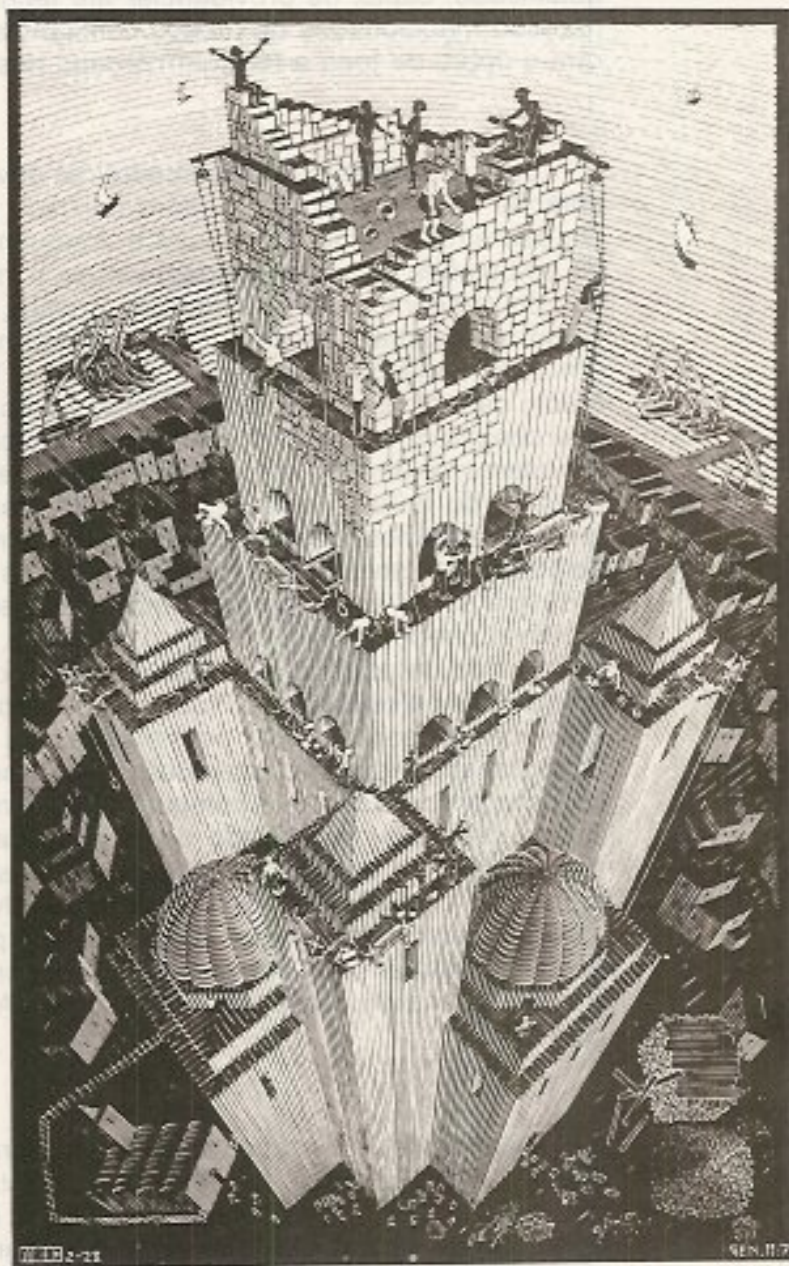
Essas declarações de Bernardo José de Lorena são fundamentais para a compreensão da evolução da arquitetura paulistana ou mesmo da paulista. Certamente, a partir desse engenheiro, São Paulo tomou conhecimento da modernidade representada pela arquitetura pombalina e de seus ensinamentos em diante houve renovações nas construções, tanto nas técnicas construtivas como na composição dos frontispícios, com a adoção de janelas com vergas curvas (introduzidas anteriormente, uns 30 anos antes, no Rio de Janeiro e Minas, pelo engenheiro militar Alpoim) e com a introdução, no eixo de simetria das fachadas, de frontões triangulares, mais tarde disseminados pelo Neoclássico histórico. Com o dinheiro do açúcar, fizeram-se novas construções e também as velhas igrejas do tempo dos bandeirantes foram reformadas, ganhando janelas de novos desenhos e frontões sinuosos que passaram a esconder as despojadas soluções maneiristas de antanho.

Esse documento guardado em Lisboa registra com pormenores os processos de construção então usados pelo referido engenheiro militar, autor do projeto arquitetônico e permanente fiscal das obras do quartel, fazendo mesmo o papel de mestre, como diz o ofício de Bernardo José de Lorena. É claro que aquele profissional não revolucionou totalmente os critérios de construir, deve ter introduzido aperfeiçoamentos e, talvez, novos materiais, como o adobe, por exemplo. É mais que sabido que, em São Paulo, só se usava a taipa de pilão e, de vez em quando, a taipa de mão tradicionalmente chamada de pau-a-pique. Taipa de mão, ou de sebe, usada nas repartições internas e raramente definindo integralmente uma construção. Contam-se nos dedos as casas inteiramente de "taipa de mam", como se dizia nos tempos dos bandeirantes. Adobes, nunca. Esses tijolos de barro cru quando começaram a aparecer e assim mesmo esporadicamente, ao longo do caminho de Goiás, designavam e comprovavam a presença de mineiros chegados à procura de oportunidade nas lavouras nas terras férteis de São Paulo, após a exaustão das catas de ouro. Desde os tempos de Saia sabíamos que o adobe era coisa de gente de fora, alheia à tradição paulista. O adobe fora detectado aqui e ali, já no início do século XIX, como prova da presença mineira. Não se sabia do emprego de adobes no século anterior, a não ser, excepcionalmente, aqueles da reforma da igreja de São Miguel, efetuada a mando do frei Mariano da Conceição Veloso, logo após a expulsão dos jesuítas. Em todo o caso, este documento é uma comprovação de que o adobe compareceu em obras oficiais no último decênio do século XVIII em São Paulo. A idéia, no entanto, não pegou e confessamos que até hoje não temos notícias de adobes em obras posteriores ao citado documento no sítio urbano da capital paulista. Adobes raros, vimos numa ou outra construção rural alheia àquele mundo mineiro enclavado na bacia do Rio Grande, às margens dos rios Pardo, Sapucaí e Mogiguaçu, principalmente. Apesar dos esforços de João da Costa Ferreira, o paulista não adotou de bom grado o adobe.

O citado documento, antes de tudo, tem a sua graça porque nos mostra uma comissão de "louvados", ou peritos, todos profissionais em atividade no humilde aglomerado urbano, julgando e avaliando uma construção importante, projetada e construída por engenheiro competentíssimo vindo de fora, com novas ciências e, acima de tudo, amigo do governador-general. É claro que assumiram, na avaliação, valores convenientes ao fidalgo governador, apesar de terem jurado perante aos "santos evangelhos" que agiriam "sem dolo e malícia". Mas, o que interessa no papel são os materiais e a natureza dos vários serviços ali descritos.

A “avaliação” dos taapeiros Angelo Furquim de Almeida e Salvador da Costa Homem, por exemplo, é bastante elucidativa, embora, à primeira vista seja algo obscuro porque vincula adobes à taipa de pilão, coisa verdadeiramente impossível. Ocorre que também deram aos taapeiros a incumbência de avaliar os serviços executados com os já fartamente citados tijolos de barro cru porque estes, é quase certo, foram usados em alguns arremates de paredes de barro socado, quem sabe nos frontões e, principalmente, para preencher os vãos estruturais de obra de carpintaria dos paramentos divisórios de ambientes internos. Daí dizerem: “... muitos milheiros de adobes consumidos nas mesmas taipas e em toda a obra...” Quanto à taipa de pilão, interessante a nomenclatura usada, que praticamente veio aos nossos dias em Portugal. E percebemos que na fatura das paredes as tarefas eram divididas entre quatro tipos de pessoas; as que traziam a terra em cestos até o nível dos taipas (terra vinda de longe, como atesta o documento), tarefa dos chamados “cerventes”; as que pilavam a terra, trabalho deveras cansativo; as que garantiam o prumo perfeito das paredes, talvez ajudadas por paus fincados ao lado das paredes nascentes, como demonstram velhas aquarelas jesuíticas paraguaias pintadas pelo padre Florian Paucke e, finalmente, as que lidavam com o taipal propriamente dito que era composto fundamentalmente de duas “costas”.

Pelo aludido texto percebe-se que os chamados serviços de carpintaria referiam-se aos trabalhos próprios das paredes divisórias (preenchidas de adobes) e aos elementos de madeira do telhado. Esses trabalhos de carpintaria acreditamos tenham sido orientados por João da Costa Ferreira que, assim, introduziu uma nova concepção de estrutura de madeira desenvolvida nas obras de reconstrução de Lisboa. Foi justamente a partir dessa época que proliferaram à volta de São Paulo as construções que o povo antigo chamava “de barrotes”, construções que praticamente chegaram a igualar em número às taipas de pilão em meados do século XIX.



A avaliação dos mestres ferreiros também elucida dúvidas: todas as ferragens eram executadas em São Paulo, o que demonstra existir na cidade um artesanato bastante qualificado, capaz de providenciar até fechaduras para o quartel. O interessante é que não são mencionados os pregos constantes na avaliação anterior que, por sinal, custaram o dobro de toda a ferragem orçada neste capítulo dos "ferreiros"².

Já a avaliação feita pelos pedreiros deve ser analisada com cuidado porque encerra critérios de atribuição de responsabilidade profissional inesperados e não suspeitados. Os pedreiros Manuel Rodrigues e Joaquim Pinto de Oliveira Thebas, pela diversidade de atribuições a eles delegadas, tem-se a impressão de que hoje teriam títulos próximos aos do engenheiro civil. Cuidaram, é claro, dos serviços de pedras, tanto nas calçadas como nos cunhais e isso já constitui uma novidade: paredes de taipa de pilão contidas em suas deflexões por pedras angulares. Mas, também trataram de avaliar o revestimento das taipas e adobes ("encascamento das paredes"), o embossamento das telhas, que chegaram a 85 mil unidades. Isso indica ter tido o quartel de voluntários reais aproximadamente 3 mil m² se imaginarmos 25 telhas por metro quadrado de cobertura sendo o ponto do telhado aquele tradicional. Trataram dos "canos para saírem as águas", que, acreditamos, destinados às águas pluviais porque, na época, eram freqüentes as sentinas, ou "secretas" em cima de poços negros absorventes. Em todo o caso, resta a dúvida sobre essas águas e que canos seriam esses? Alcatruzes de barro? É pouco provável que fossem de metal ou de pedra, conforme a usança mineira. E também não teriam sido de papelão alcatroado, como nos disse Afonso A. de Freitas tê-los visto em demolições pelos lados do Piques. Tudo isso nos induz a acreditar que, realmente, pouco conhecemos sobre certos pormenores das técnicas construtivas do tempo de colônia. O engraçado é que os "louvados" pedreiros também trataram de tintas e "cayaduras", assunto preciso de seus colegas adiante nomeados, que mencionam "óleo e tintas". Teriam os pedreiros cuidado da caiação das paredes enquanto os pintores da pintura das madeiras e esquadrias? Ou os pintores orçaram pintura decorativa, já que um dos peritos foi o celebrado José Patrício da Silva Manso, pintor de arte sacra e mestre de Jesuino de Monte Carmelo? Aliás, entre os profissionais ali envolvidos não podemos nos esquecer também de Thebas, o pedreiro, personagem quase que lendário que foi assunto por nós abordado recentemente no livro "A Mão Afro-Brasileira", organizado por Emanoel Araújo.

Finalmente, há a avaliação dos honorários de pessoa não nominada e que teria sido o "administrador" da obra, que assistiu aos trabalhos durante 488 dias, ou seja, um ano e quatro meses. Esse personagem, dito "inspector Zeloze", deve ter sido importante porque seu trabalho foi julgado por uma das mais altas autoridades da cidade, o sargento-mor Manuel José Gomes. Teria sido ele o próprio José da Costa Ferreira, que o testemunho de Lorena afirma ter ali trabalhado assiduamente fazendo papel do mestre geral das obras?

É uma pena que os desenhos originais do projeto do quartel tenham se perdido. Sobrou, no entanto, esse documento, para nós, da maior importância.

Anno de 1791

Juizo Ordinr^o da Cid-^a de S-^m Paulo

Autos de avaliação donovo quartelamento dalegião de Voluntarios Reais Aque mandou proseder o Juis Ordinario O Cap.^{am} José Mendes da Costa em comprimento da Ordem da Junta da Real Fazenda desta Capitania

Anno do Nascimento de Noso Senhor JEZUS Christo demil seteCentos noventa e hum, aos quatro dias... de Abril do dicto anno nesta Cidade de São Paulo, em cazas de morada do capitão José Mendes da Costa, Juis Ordinario epor elle mefoi dicto que copiasse a Ordem que lhefora deregida pela Junta da Real Fazenda desta Capitania para em comprimento damesma Seproseder aavaliação detoda aobra do novo aquartelamento da Legião de Voluntarios Reais e que... nase a dicta copia para Seproseder nadicta avaliação; o que abem Compri e hé oque aadiante Se Segue deque faso esta Autuasão eu Antonio deAraujo e Toledo Escrivão que aescrevy

Copia da ordem

O Juis Ordinario desta Cidade, Logo que receber apresente Ordem pasará Com o Escrivão deseu Cargo ao aquartelamento novo da Legião de Voluntarios Reais efará avaliar toda aObra de que consta Omesmo aquartelamento, para cujo fim Convocará todos os mestres de Officios emais pesoas inteligentes que julgar precizas; bem entendido que devem ser duas deCada profição, quem deferirá primeiro ojuramento dos Santos Evangelhos para bem Cumprirem Com as Obrigasoins deseu ministerio: e finda que Seja a dicta avaliação, Com as Cercunstansias que ficão Referidas e as mais que julgar nesesarias para com destinsão e Clareza Se conhese oque pertense acada Clace de Officio a Remeterá aesta junta em Carta fechada Oque tudo Selhe há por muinto Recomendado. São Paulo Vinte e seis de Março de 1791 de mil Setecentos noventa e hum. Com as Rubricas do Illustri-^{mo} e Exsellentissimo Senhor General Prezidente e dos mais Senhores Deputados. Nada mais se continha na predicta Ordem que aque aqui Copiey doproprio original que Seacha junto aoutro auto de Avaliação, aoqual me Reporto e Com ella esta Conferi eu Antonio de Araujo e Tolledo Escrivão que a escrevy, conferie asigney. São Paulo 2 de Abril de 1791. Comfer-^{da} pormim Escr.^{am}.

Antonio de Ar.^o Toledo

2. Naturalmente, não está descartada a hipótese dessas peças de ferro serem importadas, principalmente as fechaduras, mas se elas tivessem sido compradas fora, seus preços estariam nos documentos de importação e não teria sido necessário o juramento e a avaliação dos peritos; do mesmo modo que os avaliadores do conselho ficaram isentos daquela cerimônia quando disseram quanto valia o terreno, pois seu preço certamente já estaria estabelecido por documentação hábil.

Termo de Joram-¹⁰ deferido
aos M.^{es} de Officios abayxo de Clarados
ea Signados

Aos quatro dias domes de Abril demilsete Centos noventa e hum annos nesta Cidade de São Paulo em onovo Aquartelamento da Legião de Voluntarios Reais onde foi vindo o Juiz Ordinario Capitão José Mendes da Costa, comigo Escrivão aodiante nomeado, ealy pelo mesmo juiz foi deferido O Juramento dos Santos Evangelhos naforma da ley aos Mestres Taapeiros Angelo Furquim de Almeйда e Salvador da Costa Homem e lhes encarregou avaliasem toda a obra de taipa de que contava onovo aquartelamento, Com atensão aterra que veyo de fora e aos adobes que namesma obra Seconsumirão. E deferindo o dito juramento aos Mestres Carpinteyros Manuel da Sylva Rocha e José da Sylva, lhes encarregou aValiasão toda amadeira que se consumio nonovo aquartelamento, os pregos e os jornais dos mestres e serventes, tudo pelo mais rasionavel. Deferio tãobem o mesmo juramento aos Mestres Ferreiros José da Sylva ea Jacinto Correya dos Santos e lhes encarregou avaliasem toda a ferragem do dicto aquartelamento; Deferio o mesmo juramento aos Mestres pedreiros Manuel Rodrigues e Joaquim Pinto de Oliveyra Thebas e lhes encarregou Avaliasem toda a obra de Pedreiro do dicto aquartelamento, jornais, Matherias, Pedras, Canos, Factura do Telhado, telhas, Cayaduras, o mais que pertensa a Seo officio. Deferio mais o dicto juramento aos Mestres Pintores e lhes encarregou avaliasem a obra de pintura com seo custo em a... emateriais, e ultimamente deferio o juramento dos Santos Evangelhos ao Sargento mor Manuel José Gomes e lhe encarregou, que com o Carpinteiro Manuel da Sylva Rocha, já juramentado avaliassem Oquanto Sepodia arbitrar de Salario pordia a hum inspector Zelozo de uma Obra Como aprezenste doaquartelamento eatodos encarregou que sem dolo ou malisia fizessem asavaliasoins de que estavam encarregados, o que prometerão fazer, de que mandou lavrar oprezenste termo em que todos assignarão, Eeu Antonio de Araujo e Tolledo Escrivao que a escrevy

Salvador da Costa

Costa Angelo Furquim

Manuel da Sylva Rocha José da S.^a

Vicente Luiz de Britto Jasinto Corr.^a

Joaquim Pinto de Oliv.^a Thebas

Joze Patricio da S.^a Manso Inacio da Costa X.^{or}

Joze da S.^a

Manoel Joze Gomes

Manoel Rodrigues

Avaliaçoins detoda aobra do novo aquartelamento dalegião de Voluntarios Reais que manda fazer O juiz Ordindr.^o Cap.^{am} José Mendes da Costa naforma da Ordem da Junta da Real Fazenda.

Terreno

Avaliarão Os avaliadores do Conselho Vicente Luiz de Britto e Jose Fr.^{co} de Vasconcelos O terreno emque sea-

cha edeficado Oaquartelamento fazendo seo Calculo pelas brasas daquadra domesmo naquantia a mais rasionavel de

600\$000

Taipeiros

Avaliarão Os Taipeiros toda aObra de taipas atendendo naoSó aos jornais dos piladores, Cerventes, aplumadores e Costadores, Como taobem ao transporte em Carros e Cestas de muinta terra de deferente e distante Citio e dos jornaleiros ocupados neste transporte eoutrosim, tãoobem a despesa de muintos milheiros de adobes Consumidos nas mesmas taipas eem toda aObra, tido por preso omais racionavel de

1:000\$000

Carpinteiros

AValiarão Os Carpinteiros, pelo Calculo que fizerão Com bastante aVeriguasão, haveria Consumido em Madeiras na Refrida Obra, pelo mais Rasionavel preso a quantia de

1:620\$000

AValiarão Osmesmos pelo Seo Calculo averia Consumido e gasto nad.^{da} Obra em pregos Aquantia de

550\$000

5:420\$000

AValiarão Osmesmos pelo Orsamento que fizerão emportarem os jornais dos Carpinteiros emais Cerventes presos, pelo mais Racionavel aq.^{ta} de

3.250\$000

7:020\$000

Soma e passa

Vem Somando alauda Retro a quantia de

7:020\$000

Ferreyros

AValiarão os Mestres Ferreiros toda aferragem consumida na dicta Obra pelo calculo que fizerão em Lemes de portas e janelas, Trancas, fechaduras Grandes epequenas, feixos pedres, d.^{os} de Rabo pequenos, egrandes, Aldra



90

vas Gatos, Cantoneiras, Lemes de Rabo nas Cavalherissas, Argolas..., Escapulas, ferragem do chadrez, Corrente, Mouroins e Cavilhas, emportao tudo pelo mais Rasionavel naq.^{to} de 255\$660

Pedreiros

AValiarão Os Pedreiros pelo Calculo que fizerão emportão toda a Obra de Pedreiro, jornais das M.^{es} edos Cerventes, despezas dos materiais, Cal, Saibro aReya, pedras para as calçadas aRoda dos quarteis, por dentro e fora, Cunhais, tintas, Cayaduras, encascam.^{to} deparedes, embocadura do Telhado, Canos pasahirem asAgoas, tudo pelo mais Racionavel, na quantia de 1:353\$530

AValiarão Osmesmos pelo Orsamento e Calculo que fizerão aver Levado od.^o aquartelamento 85\$ telhas, que a seis mil quatrocentos por milheiro defeitio e carreto O mais Rasionavel emporta aq.^{ta} de..... 544\$000

} 1:897\$530

Pintores

AValiarão OsPintores emportar a pintura dad.^a Obra emjornais de M.^{es}, cerventes, despeza e Custo de Oleo e tintas naquantia de 300\$000

AValiou o Sargento mor Manuel José Gomes juramentado Com o Carpin.^{to} Manuel da S.^a Rocha Ojornal ou Selario do Aministrador em 488 dias a 1\$r.^a 488\$000

Soma aotodo 9:961\$190

Termo de Inserram.^{to}

Por esta forma Ouverão todos Os Louvados por aValiados aquilo de que forão encarregados Conforme Seos officios ea juramento que prestarão e deClararão que Sem dolo ou malisia tinhão feito suas avaliasoins, deque para Constar, mandou o dicto Juiz Ordinario Lavrar este Termo emque assignou, Os dictos Louvados e Eu Antonio de Araujo e Toledo Escrivão que a escrevy

Costa	Salvador da Costa
	Angelo Furquim
Manoel da Sylva Rocha	Jose da S. ^a
Vicente Luiz de Britto	Jasinto Corr. ^a
Joaq. ^m Pinto de Oliv. ^{ra} Thebas	
José Patricio da S. ^a Manso	Ignacio da Costa X. ^{er}
José Fran. ^{co} de Vas. ^{ios}	
	Jose da S. ^a
Manoel José Gomes	Manoel Roiz